

Congresso Internacional *José Saramago: do Berço à Universalidade*

Azinhaga – Polo da Fundação José Saramago
24, 25 e 26 de novembro de 2025

RESUMOS

DA POESIA À PROSA, DA PROSA COM POESIA: SOBRE O JOSÉ SARAMAGO DO BREVE SÉCULO XX

Ana Clara Magalhães de Medeiros (UnB)

Este trabalho debruça-se sobre a produção de José Saramago situada no século XX, considerando-se o contexto bélico e limítrofe daquele período histórico que o estudioso Eric Hobsbawm (2008) qualificou como “era dos extremos”. Comparamos a obra saramaguiana em verso: *Os poemas possíveis* (1966) e *Provavelmente alegria* (1970) às obras romanescas *O ano da morte de Ricardo Reis* (1984) e *A jangada de pedra* (1986), observando, sobretudo, a noção teórica preconizada por Mikhail Bakhtin (2006) de cronotopo, pensando-se, sempre, a relação do tempo imiscuída ao espaço. São esmiuçados alguns poemas, com vistas a explicitar uma espécie de continuidade sua, a múltiplas vozes, na arena romanesca de ao menos duas décadas depois, nos anos 1980. Nosso objetivo é defender o conceito de “prosa-poesia” (Schneiderman, 1982) como inerente ao ofício artístico saramaguiano no século XX. Evidenciaremos como sua poesia está prenhe de prosa, bem como suas narrativas são erigidas de poesia. Finalmente, aludimos à ideia de narrador-poeta no romance saramaguiano sumamente comprometido com a história europeia e mundial.

Palavras-Chave: José Saramago, Romance, Poesia, Século XX.

Ana Clara Magalhães de Medeiros é Professora Adjunta de Literatura Portuguesa no Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília (TEL/IL/UnB). Diretora da Cátedra Agostinho da Silva (Camões, I.P./Instituto de Letras, UnB). Doutora em Literatura e Práticas Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília (PósLIT/UnB, 2017). Desenvolve pesquisas em: Literatura Portuguesa: prosa, drama e poesia, com ênfase na produção dos séculos XX e XXI; Literatura Comparada; Estudos polifônicos do romance; Poéticas do Desassossego; Iberismo e Transiberismo. Coordenadora do Projeto de pesquisa “Nós outros como futuro: interlocuções estéticas e rastros do Império nas Literaturas Ibero-Atlânticas e Afro-Diaspóricas” (FAPDF) e Bolsista PQ/CNPq.

JOSÉ SARAMAGO E A ESCRITA CONTRA-HEGEMÓNICA: DE OS APONTAMENTOS À FICÇÃO

Ana Cláudia De Cima Henriques (Universidade Nova de Lisboa)

Terry Eagleton (2021:11) lembra que *não podemos levantar questões políticas ou teóricas acerca de textos literários sem um certo grau de sensibilidade face à sua linguagem*. Nesse sentido, esta comunicação propõe abordar a literatura de José Saramago não tanto como relato, mas como estrutura retórica, em

que a construção da linguagem permite uma reconfiguração da narrativa histórica. Partimos de *Os Apontamentos* como documento crítico da situação de Portugal na década de 1970 e propomo-nos discutir o alcance do pensamento político do autor na forma e no funcionamento da sua escrita ficcional. Para tal, impõem-se algumas questões: que formas estéticas pode desenvolver um escritor na era do trabalho automatizado e da fragmentação do indivíduo? O que significa ser um escritor comprometido com um projeto cultural para um país? Que relação há com a língua? Tais interrogações encontram ressonância nas categorias gramscianas de hegemonia e contra-hegemonia, permitindo pensar Saramago como um intelectual nacional-popular que, a partir de um período revolucionário, elaborou uma literatura ativamente envolvida com a transformação cultural e social do seu tempo. Neste quadro, daremos atenção aos romances *Levantado do Chão* e *História do Cerco de Lisboa* como exemplos de uma contra-hegemonia formal, capazes de subverter leituras oficiais da história e de consolidar uma alternativa às convenções linguísticas dominantes na literatura da época.

Palavras-chave: Gramsci; intelectual nacional-popular; cultura-popular;

Ana Cláudia De Cima Henriques é Licenciada em Português – Francês via ensino pela Universidade de Aveiro em 2005, iniciou a sua carreira profissional em Portugal como professora de Português do ensino secundário. Pós-graduou-se em Gestão Curricular pela Universidade de Aveiro. Mudou-se para os Estados Unidos entre 2012 e 2016, tendo sido responsável pela gestão curricular das disciplinas de Espanhol e Português na Hudson High School. Entre 2016 e 2019, ensinou Espanhol e Francês como línguas estrangeiras na Harris Academy Federation, em Londres. É atualmente doutoranda em História na Universidade Nova de Lisboa. Colabora na rede JaRRICA, sobre Estudos Saramaguianos, da Universidade de Vigo, e integra o grupo de investigação “História Global do Trabalho e dos Conflitos Sociais” da Universidade Aberta.

JOSÉ SARAMAGO: DA ALDEIA A CIDADÃO DO MUNDO

Ana Cristina da Silva (UFG)

A José Saramago (1922-2010) bem caberia a denominação de “cidadão do mundo”. Sua origem campestre, nascido em Azinhaga, fez da aldeia o lugar de suas primeiras vivências, de formação afetiva e humana, sobretudo pela relação com seus avós. Tardamente, tornou-se escritor e transformou-se num operário da palavra. Comunista confesso, Saramago teve uma trajetória como homem, escritor e cidadão permeada de insurreições, herdadas do Alentejo e de tantas outras que tomou para si. Das inúmeras insurreições que praticou ao longo da vida, contra as diversas desigualdades, talvez a insurreição estético-política tenha sido a mais pujante e a que teve maior alcance ao ultrapassar as fronteiras de Portugal. Nosso estudo incide sobre algumas obras de Saramago que podem ser mais bem compreendidas quando consideramos sua formação inicial e trajetória em estreita relação com a literatura e sua atuação política. Na crônica: *Carta a Josefa, minha avó* (1978) e na autobiografia *As pequenas memórias* (2006), *Da estátua à pedra e discurso de Estocolmo* (2013) encontram-se alguns dos marcos emblemáticos do escritor que se tornou um “cidadão do mundo”.

Palavras-chave: Saramago, cidadão, mundo.

Ana Cristina da Silva é Graduada em Geografia e mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás. Doutora em Geografia pela UNESP de Presidente Prudente, com Pós-doutorado pela

UNESP de Rio Claro. Professora efetiva da Universidade Federal de Goiás desde 1994, no Instituto de Estudos Socioambientais. É credenciada como professora Colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Jataí. Atua, no ensino e na pesquisa, principalmente nos seguintes temas: Teoria e metodologia da Geografia, História do Pensamento Geográfico, Território e Imaginário, História da Geografia, Teoria social e Geografia Humana, interfaces entre geografia e literatura luso-brasileiras. É filiada à ANPUH-GO, membro do GT de História da Ciência e da Tecnologia. Membro do Grupo de Estudos em Epistemologia e História Comparada das Ciências Humanas, da Universidade Federal Fluminense e da Rede Entremeio de pesquisa em Geografia, Turismo e Literatura. Membro do Grupo de Pesquisa Diálogos com a Literatura Portuguesa da UFPR, em Curitiba.

ALGUMAS DAS GRANDES MEMÓRIAS DE JOSÉ SARAMAGO

Antonio Augusto Nery (UFPR/USP/CNPq)
Cátedra Camões José Saramago UFPR

Em diversas ocasiões em que recorreu às suas memórias mais recônditas, José Saramago fez menções a indivíduos, situações, paisagens e inúmeros outros elementos que parecem ser recorrentes não somente em seus escritos memorialísticos, mas em sua produção prolífica, desenvolvida em diversos gêneros textuais. Em busca de identificar alguns desses elementos, meu objetivo nesta intervenção, tendo em vista a proposta desta reunião acadêmica e, sobretudo, o local onde ela ocorre, a Azinhaga, é analisar *A bagagem do Viajante* (1973), *Discursos de Estocolmo* (1999) e *As pequenas memórias* (2006), textos nos quais Saramago explicitamente recorre constantemente às lembranças de sua vida para compor os relatos. Meu objetivo, para além de ressaltar temas memorialísticos intermitentes, é refletir, ainda que preliminarmente, o quanto eles são importantes para pensarmos a obra completa do autor, inclusive no que se refere a questões supostamente desconectadas dos referidos temas.

Palavras-chave: José Saramago, Memórias; Recorrência

Antonio Augusto Nery é Professor Associado de Literatura Portuguesa na graduação e na pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná e membro fundador da Cátedra Camões José Saramago dessa mesma instituição, onde também é vinculado ao Centro de Estudos Portugueses (CEP-UFPR) e um dos líderes do Grupo de Pesquisa “Diálogos com a Literatura Portuguesa” (UFPR/CNPq). É Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo e Pós-doutor em Literatura Portuguesa pelas Universidades de Coimbra, do Minho e de Campinas. Atualmente é Bolsista de Pós-Doutorado Sênior do CNPq. Seus interesses de pesquisa centram-se nos seguintes temas: Camilo Castelo Branco; Eça de Queirós; José Saramago; Literatura Portuguesa do século XIX à Contemporaneidade e Literatura e Religião.

OS ESPAÇOS REAIS E METAFÓRICOS EM *A BAGAGEM DO VIAJANTE*: DIÁLOGOS À VOLTA DA LITERATURA E DO TEMPO

Barbara Fraticelli (Universidad Complutense de Madrid)

Na coletânea de crônicas intitulada *A Bagagem do Viajante*, publicada pela primeira vez em 1973, Saramago inicia um diálogo com os seus leitores sobre o conceito clássico de *homo viator*, com todas as suas conhecidas conotações vitais. Nestas páginas, que bem parecem quadros ou pequenas cenas de uma peça teatral, assiste-se à recriação de alguns espaços - reais- que assumem características literárias e metafóricas, onde o real convida a se perder num mundo que abdicou dos seus referentes físicos e geográficos. A viagem a que o título alude realiza-se através do espaço, mas também através da literatura ou através do tempo, num processo criativo em que o leitor é frequentemente interpelado para participar das inquietações do escritor. Percorremos, então, o caminho que medeia entre vida e ficção, com a ajuda de um Saramago que, sem muitos ornamentos, propõe uma viagem existencial à descoberta de algumas facetas de nós mesmos.

Barbara Fraticelli é professora Associada (com agregação) de Estudos Portugueses na Universidade Complutense de Madrid e Diretora do Departamento de Estudos Românicos na mesma universidade. É co-diretora da *Africanías. Revista de Literatura*, uma publicação científica online e de acesso aberto dedicada às literaturas africanas, editada pela Universidade Complutense. É também diretora do Grupo de Investigação Vozes africanas da mesma universidade. Ocupa-se de Literatura portuguesa e literaturas lusófonas contemporâneas.

DON GIOVANNI OU O DISSOLUTO ABSOLVIDO: NOVO CONVITE, IDEIA ANTIGA

Carlos Nogueira (Cátedra José Saramago, UTAD / Universidade da Beira Interior)

Nesta comunicação, argumenta-se que José Saramago não nos deve interessar apenas quando concordamos com ele e nos deslumbramos com as palavras, as alegorias e os enredos de obras universais *Ensaio sobre a Cegueira*. Paralelamente ao seu valor intrínseco enquanto obra literária, *Don Giovanni ou o Dissoluto Absolvido*, como, aliás, qualquer livro, encerra outra lição: Saramago não é menos importante quando inequivocamente discordamos dele ou quando ideias que emanam da sua literatura, declarações e episódios da sua vida pública nos suscitam dúvidas e perplexidades e, não menos importante, quando nos confrontam com a possibilidade de estarmos errados nas nossas análises, ideias e convicções. É esta a tese que me proponho desenvolver nesta intervenção, em que trato aquela que é, na minha perspetiva, uma obra particularmente polémica.

ENTRE A CEGUEIRA E O CANSAÇO: A CRISE DO SUJEITO NA MODERNIDADE

Filipa Maria Valido-Viegas de Paula-Soares
(Universidade Autónoma de Madrid)

O presente trabalho propõe uma reflexão crítica sobre a crise do sujeito na modernidade, a partir de um diálogo entre o *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago, e *A Sociedade do Cansaço*, de Byung-Chul Han. Partindo de perspetivas distintas – a ficcional e a filosófica –, ambas as obras convergem na denúncia de formas contemporâneas de alienação e desumanização. Em Saramago, a cegueira funciona como metáfora da perda de empatia e da invisibilidade do outro num mundo regido pelo individualismo. Já Han analisa os mecanismos neoliberais que promovem um sujeito hiper-produtivo, voluntariamente explorado, conduzido ao esgotamento físico e psíquico pelo

imperativo da performance. Neste cruzamento, evidencia-se uma crítica à sociedade contemporânea que, ao recusar o negativo, acaba por gerar novas formas de violência simbólica: a indiferença e o cansaço extremo. Assim, o estudo propõe-se a pensar a cegueira não apenas como ausência de visão, mas como a recusa de alteridade; e o cansaço, não como simples fadiga, mas como sintoma de uma crise identitária num tempo saturado de positividade.

Palavras-chave: alienação, cegueira, esgotamento psíquico.

Filipa Maria Valido-Viegas de Paula-Soares é licenciada em Línguas e Literaturas Modernas, Estudos Portugueses e Franceses, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Portugal) e doutorada em Teoria da Literatura e Literatura Comparada, pela Universidade Autónoma de Madrid (Espanha). É professora desta universidade, faz parte do Grupo de Investigação Comunicação, Poética e Retórica (CPyR), desde 2018, e é investigadora principal do IULCE (Instituto Universitário «La Corte en Europa»). Desde 2005, dirige o Centro de Língua Portuguesa do Camões em Madrid. Desde 2010, assumiu as funções de coordenadora de ensino do EPE do Camões, I.P. para Espanha e Andorra. A sua área de investigação centra-se no estudo da literatura de expressão portuguesa como sinal de identidade nacional. É também especialista em literatura do século XIX (geração de 70) e nas vanguardas portuguesas. Entre as suas publicações destacam-se: «Sophia: obra traduzida e receção na imprensa portuguesa» (2022); «Ao redor de nós e a Europa ou as duas razões: reflexões sobre a construção de um imaginário identitário» (2021); «Lídia Jorge e o significado da escrita» (2020) ou «Almada e o papel dos manifestos na afirmação conceptual de um movimento» (2020).

O MUNDO ESTÁ (TODO) AQUI DENTRO: SARAMAGO E(M) PATRÍCIA PORTELA OU A ÉTICA DA OBSERVAÇÃO EMPENHADA

Filipe Senos Ferreira
(CLLC- Universidade de Aveiro, Portugal)

No seu conhecido ensaio “Si mi biblioteca ardiera esta noche”, Aldous Huxley defende que os grandes romancistas são sempre maiores que a vida. Também assim sucede com José Saramago, de cuja “lombada interminável” (Rodrigues, 2022) continuam a aproximar-se diversos artistas e escritores, (re)inventando-a e prolongando-a de maneiras multifárias. Nesta comunicação, tratamos de explorar as reverberações intertextuais que a ficção saramaguiana – e, em especial, *Ensaio sobre a Cegueira* – produz na distopia *Hífen* (2021), de Patrícia Portela. Além de opções narrativas comuns, os dois autores partilham também uma ética da *observação empenhada*. Apropriando-nos da formulação de Eduardo Lourenço (1994), sugerimos que as suas narrativas nos conduzem “à essência da realidade, quer dizer, ao tempo em que efetivamente estamos, imaginando que estamos num outro” (p. 313). Testemunhas do seu tempo - que é, afinal, também o nosso -, Saramago e Portela convocam-nos a enfrentar e a interrogar criticamente problemas (hiper)contemporâneos, desassossegando-nos.

Palavras-chave: Distopias, literatura hipercontemporânea, sobrevida de Saramago.

Filipe Senos Ferreira é Bolseiro (FCT) de Doutoramento na Universidade de Aveiro (*Elogio do híbrido: o romance multimodal na literatura portuguesa*), instituição na qual desempenha, desde 2019, funções docentes. Completou o mestrado em Estudos Editoriais, com uma dissertação intitulada “Entre a arte e os números: Eça de Queirós & Companhia Ficcional” (2021). Desenvolve investigação na área dos Estudos Queirosianos e da literatura portuguesa (hiper)contemporânea (século XXI), com especial foco no âmbito dos estudos de intermedialidade e de multimodalidade. Coeditou o livro *Fabulae Mutantur: criatividade multimodal e ficção contemporânea* (2024). É membro do Projeto Entregéneros: Literatura e Hibridismo (CLLC-UA) e do Projeto Dinâmicas do Hipercontemporâneo (CLP, CLLC).

O PODER DA MEMÓRIA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE SARAMAGO

Horácio Protásio Marques Ruivo (Universidade Aberta)

A memória constitui, em José Saramago, uma força impulsionadora da escrita. Aquando do seu primeiro romance, ela revela-se latente, mas as experiências de vida do autor colhidas nesse período inicial vão permitir-lhe desenvolver um olhar crítico sobre a sociedade portuguesa e o mundo. Algumas crónicas que se seguiram, escritas ainda no período da ditadura e no dealbar da revolução de Abril, são disso reveladoras. Na fase posterior, já sem o controlo da Censura, a memória é de outra índole: coletiva, recuperadora das ações daqueles que, em dignidade, agiram contrariando o destino. Mais tarde, assume-se como elemento fundamental para a necessária reescrita da História.

Em “As pequenas memórias”, Saramago vai recuperar o menino da Azinhaga, origem da pessoa em que se tornou, com os detalhes do tempo e do espaço que formaram o escritor, associando a memória individual à memória coletiva. O percurso evolutivo da escrita de Saramago é o da sua própria memória: íntima, coletiva e histórica, crítica e filosófica, finalmente recuperando a infância, num movimento circular, em que o autor se reconcilia com o passado.

Palavras-chave: memória, identidade, poder.

Horácio Ruivo é Doutorado em Estudos Portugueses, especialidade de Literatura Portuguesa. Mestre em Estudos Portugueses Multidisciplinares (Literatura, Cultura, Linguística e História). Licenciado em Línguas e Literaturas Modernas - variante de Estudos Portugueses e Franceses, e licenciado também em História. Investigador no CLEPUL (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), no Centro de Estudos Globais (Universidade Aberta) e no TOPUS – Grupo Interinstitucional de Pesquisa sobre Espaço, Literatura e Outras Artes. Livros e trabalhos publicados. Orador em congressos em várias universidades (Portugal, Europa e Brasil). Colaborador em projetos que aliam as TIC ao contexto educativo. Formador acreditado na área do Português. Professor tutor na Universidade Aberta.

O AUTOR E O NARRADOR EM JOSÉ SARAMAGO. E SE A AUTOFIÇÃO CONTRA-ATACASSE?

José Vieira (CLEPUL – Universidade de Lisboa/ Cátedra Manuel Alegre – Università Degli Studi di Padova)

Esta comunicação pretende refletir sobre a famigerada questão do autor e do narrador em Saramago, limitando-se a propor uma reflexão desse assunto partindo, por um lado, da leitura e análise de um artigo de Daniel Vecchio intitulado “O autor como narrador onisciente em José Saramago” (2022), e outro de Sara Grünhagen, “Sou também o Deus e o Diabo que lá estão: a querela autor-narrador de Saramago” (2023); por outro lado, convocarei algumas passagens dos *Cadernos de Lanzarote*, pois faz sentido ler e analisar o que escreve o autor de *A Segunda Vida de Francisco de Assis* sobre este assunto. Finalmente, e de forma intercalar, revisitarei Vincent Colonna a partir daquilo que ele propõe ser a autoficção especulativa e a autoficção intrusiva, assim como as omnipresentes palavras de Doubrovsky, criador do termo em 1977, no romance *Fils*. Interessar-me-á, de resto, expor uma perspectiva e uma reflexão do tema autor-narrador em Saramago partindo da lógica autoficcional como exercício de comentário e de diálogo com os escritos do Nobel português em confronto com teóricos e respetivas teorias. Se já tanta tinta correu sobre narradores e personagens e sobrevidas e (re)figurações, por que não ajuntar o mundo autoficcional?

José Vieira (Livrção – 1991) é professor na Universidade de Pádua, investigador do Grupo 1 – Literatura e Cultura Portuguesa – do CLEPUL, membro do Projeto Dinâmicas Hipercontemporâneas (CLP, CLLC) e crítico literário. Tem publicado livros e artigos sobre literatura portuguesa moderna e contemporânea, com especial incidência nas obras de Mário Cláudio, Tiago Veiga, José Saramago e Agustina Bessa-Luís, para além de organizar diversos eventos culturais e congressos. Em 2020, publicou, em Portugal, com Celeste Natário, na D. Quixote, *Trilogia do Belo. Nos 50 Anos de Vida Literária de Mário Cláudio*, e, em 2023, em Itália, com Barbara Gori, *Estudos Para Mário Cláudio*. Prefaciou o romance autoficcional *Embora Eu Seja Um Velho Errante*, de Mário Cláudio (2021). Na Tinta da China, editou, com Carlos Nogueira, *Viagem a Saramago. Ensaio* (2024) e *Que Faremos com José Saramago? Ensaio* (2025); organizou o livro *A Verdade é de Papel. Ensaio para Tiago Veiga* (2024). Publicou ainda *A Escrita do Outro. Mentiras de Realidade e Verdades de Papel* (2025). Encontra-se no prelo, pela D. Quixote, *A Peregrinação de Mário Cláudio. 55 Anos de Vida Literária. Ensaio*, obra que dirige e organiza.

SARAMAGO, LEITOR (E AUTOR) DE GARRETT

Luciana Namorato, IUB (Indiana University Bloomington)

Esta comunicação propõe uma leitura comparativa entre as obras de Almeida Garrett e José Saramago, destacando o diálogo contínuo entre os dois autores. Saramago dialoga com Garrett desde o início de sua obra (por exemplo, em *Levantado do chão*, 1980), ao valorizar o povo português e criticar os abusos de poder e a elite latifundiária— os “barões” de *Viagens na minha terra*, de Garrett. Ao longo de sua produção, o diálogo entre Saramago e Garrett se aprofunda na reescrita da história por meio da ficção, desafiando os discursos oficiais e reafirmando o povo como protagonista da narrativa nacional (*Memorial do convento*, 1982), em sintonia com a visão garrettiana do povo como guardião da identidade nacional. Nos romances mais tardios (*Ensaio sobre a cegueira*, 1995) o diálogo se intensifica na depuração da linguagem literária de Saramago, que se aproxima da renovação estilística empreendida por Garrett no século XIX. Assim, minha comunicação examina como Saramago lê, transforma e prolonga o projeto literário e político de

Garrett — e como essa leitura, por sua vez, pode iluminar facetas menos evidentes da obra garrettiana ou mesmo modificar a forma como a recebemos hoje.

Reescrita histórica, Linguagem literária, Protagonismo popular.

Luciana Namorato é professora de Literaturas em Língua Portuguesa na Indiana University Bloomington (EUA), onde também dirige o Programa de Português. Graduada em Letras pela Universidade do Rio de Janeiro, é mestre e doutora pela University of North Carolina at Chapel Hill. Coeditou o número especial da *Revista de Estudos Literários* (Universidade de Coimbra, 2016), intitulado *Eça de Queirós e Machado de Assis: Diálogos Transatlânticos*. Foi bolsista Fulbright na Universidade de Coimbra, onde desenvolveu pesquisa sobre a literatura portuguesa do século XIX — eixo central de seu projeto atual, que investiga as afinidades literárias entre Almeida Garrett, Camilo Castelo Branco e Joaquim Maria Machado de Assis.

PESSIMISMO E ESPERANÇA: A EXPERIÊNCIA COMUNISTA NA LITERATURA DE JOSÉ SARAMAGO E GRACILIANO RAMOS

Luís Bueno (UFPR)

Reconhecidos como intelectuais e artistas profundamente pessimistas, os escritores José Saramago e Graciliano Ramos foram militantes comunistas efetivos, tendo permanecido filiados ao Partido Comunista de seus países por muitos anos, até a morte. A combinação desses dois elementos pode parecer contraditória, já que a esperança de transformação, antídoto do pessimismo, é a base da militância política. Neste trabalho procuraremos demonstrar, a partir de algumas observações de Karl Marx e Friedrich Engels no *Manifesto do Partido Comunista*, como, nos romances *A caverna* (2000) e *Vidas secas* (1938) uma visão negativa, pessimista, da sociedade capitalista e a esperança no homem produzem não um movimento contraditório, mas sim uma combinação dialética. O resultado é a produção de obras que, embora referenciadas em diferentes etapas e regiões, trazem uma visada complexa e elaborada da experiência contemporânea.

Palavras-Chave: literatura e política; literatura comparada; romance em língua portuguesa

Luís Bueno fez toda sua formação na área de Letras na Unicamp. Desde 1996 é professor de Literatura Brasileira e Teoria da Literatura na Universidade Federal do Paraná. Foi diretor da Editora UFPR entre 2002 e 2007 e coordenador do Programa de Pós-graduação em Letras entre 2011 e 2013. Realizou pós-doutoramentos na Universidade de Lisboa (2007-2008), no King's College London (2014-2015) e na Universidade Nova de Lisboa (2022-2023) e atuou como professor visitante na Universidade de Leipzig e na Unicamp. Publicou mais de setenta artigos e capítulos e treze livros, entre coletâneas e obras autorais, dentre os quais se encontram *Uma História do Romance de 30* (Edusp/Editora Unicamp, 2006, com segunda edição em 2015), *Capas de Santa Rosa* (Ateliê/SESC, 2016), e *Paradeiro* (Ateliê, 2018, prêmio de romance Machado de Assis da Biblioteca Nacional em 2019).

O DESTINO DE LEONOR: DA RESIGNAÇÃO À TRANSGRESSÃO

Maria Aparecida da Costa (UERJ)

O Saramago de *Terra do pecado/A Viúva*, 1947, já trazia uma marca do que veio figurar em sua cartografia literária quando o assunto é a potência de suas personagens femininas. O ganhador do Nobel em 1998, conhecido por construir mulheres fortes e independentes, deu mostras disso em seu primeiro romance, esquecido por algumas décadas. Diante disso, vamos observar em *A Viúva* (2023) como Leonor e Benedita, figuras a princípio frágeis, sustentam e sobrevivem aos embates sociais, inclusive guerreando entre elas, em um universo machista e patriarcal, e ainda assim sobrevivem. Estas personagens atravessam transtornos relativos ao universo feminino, além das questões implicadas em uma sociedade arcaica em que o destino das mulheres é servir. Nesse sentido, o destino designado a Leonor, protagonista do romance, vai ser driblado, e juntamente com sua criada, elas se projetam para a emancipação, sobretudo a partir da sororidade. Com isso, é possível inferir que a trajetória literária de José Saramago se desenhava nesse romance, que embora mantenha características estéticas dos romances naturalistas do século XIX, inova quando não sacrifica as mulheres com a morte ou o exílio, em favor do sistema machista e patriarcal.

Palavras-chave: Saramago, Personagem Feminina, Sororidade.

Maria Aparecida da Costa é Doutora pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - Brasil, com Doutorado Sanduiche pela Faculdade de Letras de Coimbra - Portugal; Pós-Doutorada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professora Adjunto da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (onde ministra disciplinas de Literatura Luso-brasileira); docente permanente do Programa de Pós-graduação em Letras - PPGL. Autora do livro *A paz tensa da chama fugaz: a configuração do amor no romance contemporâneo, Lygia Fagundes Telles e Lídia Jorge*, (Editora UFRN, 2015). Associada da APE - Associação Portuguesa de Escritores. Atualmente está em Portugal fazendo um segundo pós-doutorado na Universidade Aberta, sob a Supervisão dos professores Doutores Annabela Rita e José Eduardo Franco.

LUGARES DE FALA E LUGARES DE ESCUTA NA OBRA DE JOSÉ SARAGAMO E VALTER HUGO MÃE OU A URGÊNCIA DO DIÁLOGO.

Maria de Lourdes Pereira
(Cátedra Mário Cesariny – Universitat de les Illes Balears / Camões I. P.)

O mundo moderno obriga-nos a uma revisão constante da nossa configuração ontológica. Nesse sentido, as obras de José Saramago transformam-se numa fonte de inúmeras provocações, afastando-nos de qualquer interpretação estática e/ou monumental dos fenómenos históricos. Esta atitude será, certamente, resultado de uma profunda consciência humanista, a qual acaba por ser muito responsável pela modernidade e universalidade que a obra do prémio Nobel Português tem vindo, não só a preservar, como até a apurar. Neste sentido, parece-nos pertinente recuperarmos as palavras proferidas pelo autor, em 2007, na Colômbia, quando se insurge contra o facto de, até então, o índio não ocupar um lugar de fala na sua própria história. No ar fica a ideia de imaginarmos essa história contada pelos próprios indígenas. Quase duas décadas depois, verificamos que é na literatura que esse desafio é aceite, precisamente pela escrita de um dos prémios Saramago, Valter Hugo Mãe, na sua obra *As Doenças do Brasil*. O que aqui pretendemos é

abordar os discursos dos dois autores como reconfiguração de uma visão da humanidade a partir desses actos de fala e que, na realidade, serão o resultado de atentos e conscientes actos de escuta. O mundo de hoje manifesta uma urgência premente por estes diálogos universais, com vista à revisão da nossa memória histórica e civilizacional.

Maria de Lourdes Pereira, é Professora da *Universitat de les Illes Balears* e directora da *Cátedra Mário Cesariny – UIB / Instituto Camões*. Como investigadora, tem centrado a sua atenção nos períodos e autores que configuram a etapa que se inicia com as gerações da segunda metade do século XIX, até aos nossos dias, tendo vários trabalhos publicados no âmbito histórico-cultural. De entre os assuntos e autores trabalhados, destacam-se os trabalhos sobre *As Novas Cartas portuguesas*, ou sobre autores como José Saramago, João de Melo, Valter Hugo Mãe, Mário Cesariny ou Cruzeiro Seixas.

JOSÉ SARAMAGO E A ESCRITA EM GERMINAÇÃO: CRÔNICA, HISTÓRIA E RESISTÊNCIA NO PROJETO LITERÁRIO

Marilda Beijo Fróes (IFSP – Instituto Federal de São Paulo)

Este estudo investiga a centralidade da crônica no projeto literário de José Saramago, concebendo-a como espaço de germinação de sua escrita. Entre o registro imediato do cotidiano e a elaboração estética, as crônicas configuram-se como laboratório narrativo, onde a observação crítica do real se alia a uma consciência histórica em formação. Nesses textos iniciais, Saramago articula memória, experiência social e reflexão política, antecipando temas e procedimentos que amadurecerão em seus romances. A crônica, simultaneamente simples e complexa, possibilita captar a textura do vivido, questionar discursos oficiais e propor leituras alternativas da realidade portuguesa. Mais que exercício estilístico, assume caráter de resistência simbólica diante do autoritarismo e das tensões sociopolíticas do século XX. Seu traço fragmentário e ensaístico permite uma escrita em processo, aberta à experimentação, que dialoga com literatura, história e crítica social. Compreendida como escrita em germinação, a crônica revela-se decisiva na constituição de uma dicção singular, marcada pelo hibridismo entre narrativa literária e testemunho histórico. Defende-se, assim, que esse gênero ocupa posição estratégica no percurso saramaguiano: memorialista e interventivo, inaugura formas de resistência e atua como matriz estética que sustenta a maturação de sua obra ficcional.

Palavras-chave: José Saramago, crônica, resistência.

Marilda Beijo Fróes é docente efetiva na área de Letras no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, campus São José do Rio Preto. Toda sua formação acadêmica: Licenciatura, Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado foi realizada na UNESP- Universidade Estadual Paulista. Durante do Doutorado desenvolveu pesquisa no exterior com bolsa CAPES (PDDE) *Sandwich* na Universidade do Minho em Braga/Portugal. Seus interesses de pesquisa são: as obras do escritor José Saramago, o gênero ensaio, o romance português contemporâneo, as relações literatura e história; a metalinguagem, a intertextualidade, a relação entre literatura e filosofia (Montaigne, Marx) e a literatura comparada. É integrante dos Grupos de Pesquisa: 1- Saramago, leitor de Marx (PUC-MG/CNPq), 2- José Saramago: Ensaio sobre a humanidade, da Universidade Federal do Rio Grande. Membro do Grupo de Estudos de História e Literatura - GEHISLIT e participa dos cursos oferecidos pela Cátedra Libre José Saramago da Universidade Nacional de Córdoba (UNC).

MONTAIGNE NO PERÍODO FORMATIVO DE JOSÉ SARAMAGO: OS ENSAIOS E O MANUAL DE PINTURA E CALIGRAFIA

Naiara Barrozo (UERJ)

A importância de Montaigne para o pensamento de Saramago é reconhecida pelo próprio escritor português em diversas ocasiões. Vemos isto na anotação de 29 de março de 1998 do *Último Caderno de Lanzarote*, quando ele responde para a *Art Press* que o filósofo é o único autor da França que o influenciou autenticamente. De fato, como demonstrei no livro *José Saramago leitor de Montaigne*, o gênero ensaio serve para o Nobel de parâmetro nos mais diversos sentidos: aponta uma saída para pensar uma produção artística não alienada; confere as bases para a percepção da importância das dinâmicas afetivas ativadas literariamente pelo autor, como as sensações de amizade e de transparência do texto, responsáveis por gerar uma percepção de intimidade; ajuda a pensar um projeto de autoficção; e, por fim, confere as bases para que Saramago elabore, dentro de um cenário de discussão de impossibilidade histórica da forma, um modo possível para o romance. Considerando o último ponto, no âmbito desta comunicação, proponho observar a presença aspectos ensaísticos originários no romance inaugural *Manual de Pintura e Caligrafia*, tais como a tematização da alteridade e a crise como elemento instaurador da escrita, que farão parte do corpus ficcional saramaguiano nos anos seguintes.

Palavras-chave: Saramago, Montaigne, ensaio.

Naiara Barrozo é pesquisadora, ensaísta, crítica literária e cantora. Fez pós-doutorado em Letras (UERJ). É doutora em Teoria da Literatura (UERJ), mestre em Filosofia (UFF), tem bacharelado em Jornalismo (PUC-Rio), Filosofia (UFF) e Letras (UERJ). Foi indicada ao Prêmio Jabuti de Filosofia em 2024 com seu livro *José Saramago leitor de Montaigne*, publicado pela 7Letras em 2023. É autora de *Walter Benjamin: a crítica de arte como explosão da história* (Annablume, 2025), de estudos sobre o gênero ensaio na tradição alemã, e de críticas sobre autores portugueses publicados em coletâneas como *A verdade é de papel. Ensaios para Tiago Veiga* (Tinta-da-China, 2024) e *Viagem a Saramago* (Tinta-da-China, 2024). Integra os grupos de pesquisa José Saramago: ensaios para a humanidade (Furg), Ler Montaigne (Unifesp), e Retorno à Poética: imagologia referência, genericidade (UERJ).

ARTESANIAS DA ESCRITA: O APOCALÍPTICO-GENESÍACO EM A JANGADA DE PEDRA

Nefatalin Gonçalves Neto (UFRPE-UAST)

A jangada de pedra (1986), é constantemente lida como um romance político, cujo entrecho afirmava a não participação dos países ibéricos junto à CEE, organizado sob a égide de um discurso surrealista e cujo teor emana certo tom de parábola. Distante de tais leituras já clássicas e próximas ao contexto social, nos propomos analisar a narrativa sobre o isolamento da península navegante como um produto alegórico que parodia o primeiro e o último livro da Bíblia. A partir da comparação das duas organizações discursivas, constataremos como a proposta literária de Saramago conclama o texto bíblico em palimpsesto, relê seus passos em nova chave e promove um projeto-episteme que ultrapassa o mero engajamento de escrito empenhados para encontrar,

em consistente acesso ético-estético, um modelo de escrita particular. Nossa premissa é a de que tal postulado de leitura abre caminho para o amadurecimento de uma investigação textual que garanta uma leitura autônoma do processo criativo, distante de um arremedo da realidade, em busca de novas interpretações da obra saramaguiana sem voluntarismos ou radicalidades.

Palavras-chave: A jangada de pedra, Intertexto, Apocalipse.

Nefatalin Gonçalves Neto possui Graduação em Letras/Latim e suas respectivas literaturas pela UNESP de Assis e em Pedagogia pela Universidade Nove de Julho, bem como Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado em Letras (Literatura Portuguesa) pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente é professor de Latim e Língua Portuguesa da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE-UAST) e coordenador do GELLPOMC (Grupo de Estudos sobre Literaturas de Língua Portuguesa Modernas e Contemporâneas). Suas pesquisas se voltam para questões sobre a literatura insólita, literatura portuguesa contemporânea (em especial sobre os escritores José Saramago, Jorge de Sena, Dulce Maria Cardoso) e a releitura da literatura clássica (em especial Plauto, teatro latino e mitologia greco-latina).

DE AS PEQUENAS MEMÓRIAS AOS DISCURSOS DE ESTOCOLMO: ALGUMAS REFLEXÕES EM TORNO AO PERCURSO PARA A UNIVERSALIDADE DA OBRA DE JOSÉ SARAGAMO

Orietta Abbati (UNITO)

Embora o título aponte para um sentido cronológico inverso das obras de José Saramago - *As pequenas memórias* (2006); *Discursos de Estocolmo* (1998) -, nos quais algumas referências ao período da infância se patenteiam, é nossa intenção realçar aqui uns elementos temáticos da sua narrativa que talvez se tenham originado nos primeiros anos de vida e adolescência; isto é, a partir de um material essencialmente autobiográfico, dentro do espaço rural da pequena aldeia de Azinhaga, podemos detetar a semente da universalidade que atingiu a escrita saramaguiana, formalmente reconhecida com o Nobel. De facto, as motivações, assim resumidas: “Um trabalho com parábolas portadoras de imaginação, compaixão e ironia que, torna constantemente compreensível uma realidade fugidia...”, indicam não só a sua projecção universal, como mostram a essência de um escritor, e de um homem, que nunca se cansou de perguntar e procurar o sentido da realidade, ciente de que, como afirma em *A jangada de pedra*: “Difícil acto é o de escrever, responsabilidade das maiores”. A nossa reflexão, tendo em conta os conceitos de literatura e das funções a ela atribuída, a partir de Todorov, Calvino, Kundera, centra-se nos temas e etapas da configuração do carácter universal do escritor nascido em Azinhaga.

Palavras-chaves: Memórias, Discursos, Universalidade.

Orietta Abbati é PA de Língua e Literatura Portuguesa e Brasileira na Universidade de Turim - Departamento de Línguas e Literaturas Estrangeiras e Culturas Modernas. Os seus estudos incidem sobretudo na literatura portuguesa dos séculos XIX, XX e XXI e nas literaturas africanas de expressão portuguesa, com destaque para o poeta e escritor angolano Agostinho Neto e o autor cabo-verdiano Germano de Almeida. Tem estudos, ensaios e artigos dedicados à obra de José Saramago, José Rodrigues Miguéis, Mário de Carvalho, Cesário Verde, Fernando Pessoa,

Mário de Sá-Carneiro, Antero de Quentalo, ao Futurismo português. Traduziu e editou O Livro do Dessassossego e Poesie de F. Pessoa, (Newton Compton, 2013) e dois volumes de poemas para a BUR, Il mondo che non vedo, que contém uma extensa antologia da poesia ortónima do poeta, e Una affollata solitudine, uma antologia da poesia heterónima. Editou e traduziu os poemas completos do poeta Mário de Sá-Carneiro, a quem dedicou vários ensaios.

“PUXO UM FIO QUE ME APARECE SOLTO” – A IDENTIDADE CONSTRUÍDA COM A MEMÓRIA E A IMAGINAÇÃO

Patrícia da Silva Cardoso
(Cátedra Camões José Saramago/UFPR)

O título *Viagem a Portugal* faz supor, sem maiores esforços, tratar-se de obra em que o elemento geográfico esteja em primeiro plano, articulado a aspectos de caráter histórico e cultural. Sem que isso deixe de corresponder ao que se encontra no livro, sua leitura revela-nos a densidade da experiência daquele viajante em que se desdobra o autor, à medida que desloca seu olhar da paisagem para a humanidade que a compõe. Se num primeiro momento ele resiste à verdadeira interpelação de que é objeto por parte das várias realidades com que se depara pelo caminho, ao fim do percurso oferece-nos não apenas a descrição do que viu, mas o entendimento da gente do passado e do presente com quem se foi encontrando, reconhece-se como parte do ambiente. Há, no entanto, nas muitas estradas por onde passa, um ponto que ele evita – aquele onde está a “casa mais antiga” – sob a justificativa de que a “melancolia do passado pessoal” nada tem a oferecer. Será preciso tempo para que supere a percepção de que “apenas o passado coletivo é exaltante” para que empreenda uma outra viagem na qual, guiado pela memória e sem perder de vista a imaginação, consegue finalmente inscrever o passado (e a sua identidade) pessoal no grande mapa coletivo.

Palavras-chave: José Saramago; *Viagem a Portugal*; *As pequenas memórias*

Patrícia da Silva CARDOSO é Doutora em Teoria e História Literária pela Universidade de Campinas – UNICAMP. Desde 1997 é professora de Literatura Portuguesa na Universidade Federal do Paraná, em Curitiba, Brasil, onde coordena o Grupo de Pesquisa Diálogos com a literatura portuguesa e a Cátedra Camões José Saramago. Presidiu a Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa –ABRAPLIP no biênio 2016-2017. Em sua tese de doutoramento, Inês de Castro ou a morta luminosa, investigou as abordagens literárias do episódio inesiano, buscando com isso delinear um perfil do imaginário cultural português. Tem vários artigos publicados em periódicos e livros no Brasil e no exterior. Em seu campo de interesse incluem-se temas como modernidade/modernismo, identidade cultural, imaginário, e as relações entre literatura e cinema.

A REVOLUÇÃO TEM NOME DE MULHER: MITO E HISTÓRIA EM O ANO DE 1993, DE JOSÉ SARAGAMO

Pedro Fernandes de Oliveira Neto (Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

O ano de 1993 ocupa um lugar singular no desenvolvimento obra de José Saramago: confirma a sua itinerância pela escrita, feita do experimentalismo com a diversidade de formas e de expressões dominantes no seu tempo antes de alcançar o estatuto de romancista; integra parte do interesse do escritor por encontrar uma maneira de incutir no literário as movências da história; ou ainda tornar esse material, como fizera seus antecessores, em arquétipo do literário. Com essas observações, regressamos ao pequeno livro que agora celebra 50 anos da sua publicação para discutirmos como se constitui a noção de revolução (na diretriz histórica) — essa que se manifesta diversamente no conjunto da obra saramaguiana. O recorte para esta leitura de corte crítico-interpretativo vislumbra especificamente o papel feminino. Trata-se de uma determinante que favorece a Saramago observar os dois prismas da matéria revolucionária: o determinado na e pela história e o angariado pelos fluxos das atividades humanas. Nossos encaminhamentos apontam que a revolução, no sentido saramaguiano, é fomentada pela dinâmica histórico-política e social, mas esta, dialeticamente, encontra-se implicada no indivíduo, entidade da função crítica e da ação capaz de interferir nos rumos da ordem comunitária.

Pedro Fernandes de Oliveira Neto é Professor na Universidade Federal do Rio Grande; atua na Graduação em Letras/ Língua Portuguesa e no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem/ Literatura Comparada. Em 2012, publicou seu primeiro livro, *Retratos para a construção do feminino na prosa de José Saramago*. Coordena o Grupo Estudos sobre o Romance; dirige a *Revista de Estudos Saramaguianos*; e organiza a Coleção Estudos Saramaguianos. No âmbito deste conjunto de publicações, organizou, em 2020, *Peças para um ensaio*, com estudos acerca do romance *Ensaio sobre a cegueira*. Desenvolve, atualmente, supervisionado pelo Professor Doutor Carlos Nogueira, um estágio de pós-doutoramento vinculado à Cátedra José Saramago, da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, com pesquisa centrada no período formativo da obra saramaguiana.

OS POEMAS POSSÍVEIS E O MUNDO SIMBÓLICO: ESPAÇOS POÉTICOS DE SARAMAGO

Robson José Custódio (UFPR)

A obra *Os poemas possíveis* (1966), de José Saramago, apresenta os primeiros passos do autor na poesia. Não é o seu cenário convicto, é certo, por ter sua expressividade na prosa, mas “poeta não é gente, é bicho coiso”, como ele mesmo diria, que “anda pelo mundo às cambalhotas”, criando e experimentando. Assim, mesmo que incipiente, Saramago já ensaia um olhar crítico sobre a existência dos sujeitos e suas perspectivas no mundo. Ora, em uma época de represálias às expressões artísticas, talvez sejam pelos poemas os únicos caminhos possíveis para expressar a sua visão sobre o mundo. Heidegger, em *Ensaio e conferências* (1979), escreve que o ser humano habita o mundo e, então, dimensiona o espaço. Nele, o sujeito que o frequenta reconhece suas condições naturais e suas dinâmicas sociais, dimensionando suas relações, suas estruturas e suas paisagens. Nesses poemas possíveis, Saramago destaca espaços como o mar, a terra, o vazio, o corpo, o jardim e o céu; envolve-nos com elementos como as pedras, as flores, a luz (ou a ausência dela), os sentidos, a miséria e as palavras. Pensando nisso, a proposta desta comunicação é explorar e discutir esses espaços trazidos pelo autor, mensurando suas poliédricas significações na poesia.

Palavras-chave: espaço, mundo simbólico, poesia lusitana.

Robson José Custódio é Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, Doutor em Letras (Estudos Literários), pela Universidade Federal do Paraná, com pós-doutorado em Letras - Literaturas Modernas e Contemporâneas, pela Universidade Federal de Minas Gerais. Atualmente, é Professor de Literatura Portuguesa, Literaturas Africanas de Língua Portuguesa e Teorias Literárias da UFPR, Setor Litoral. Além disso, é docente permanente do Programa de Pós-graduação em Letras - Estudos Literários, da UFPR. É, também, membro do Grupo de estudos Diálogos com a Literatura Portuguesa, do Centro de Estudos Portugueses da UFPR e Membro do Polo de Pesquisa em Poesia Portuguesa Moderna e Contemporânea, da Faculdade de Letras da UFMG. É afiliado à Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa (Abraplip) e à Associação Internacional de Estudos Literários e Culturais Africanos (Afrolic).

ENRAIZAR EL PENSAMIENTO LA AFIRMACIÓN SARAMAGUIANA RESPECTO AL MUNDO RURAL

Rocío Martínez Díaz (UACM / UNAM)

Contradiciendo la propia lectura que Saramago realizó de su obra, es posible identificar en *Levantado del suelo* el pulso pétreo de una serie de verdades universales, ligadas al hecho campesino, a la lucha y la sobrevivencia. Cuando nuestro autor visitó México en 1998, ya estaba arraigado a ese país, desde su amplio conocimiento y, por supuesto, desde los eventos sociales ocurridos en Chiapas y en Acteal. En esta reflexión buscamos un hilo conductor -sin la limitación del orden cronológico- que responda al siguiente cuestionamiento: ¿Cuál es la afirmación por medio del cual el ser humano se arraiga a la tierra? Esta pregunta está enmarcada en tres textualidades: *Levantado del suelo*, los textos compilados por Alma Delia Miranda en el libro *Saramagia* y en la “primera vida” estudiada en el detallado estudio biográfico que publicó Miguel Real y Filomena Oliveira. Dicho de otro modo, este ejercicio reflexivo -realizado expresamente para la reunión que se realizará en Azinhaga- quiere desentrañar un aspecto del pensamiento saramaguiano, disperso y desarrollado desde el origen familiar vinculado al quehacer rural más que a la formación académica, pasando por una de sus obras esenciales, hasta el arraigo de Saramago con un aspecto también rural y combativo de México. Dice el narrador de *Levantado*: “Los hombres están hechos de tal modo que incluso cuando mienten dicen otra verdad, y si por el contrario es otra verdad lo que quieren lanzar de dientes para afuera, siempre va con ellos una forma de mentir, aunque no sea con intención”. Entonces: ¿qué verdad nos quiere mostrar el pensamiento saramaguiano respecto a la lucha rural? ¿Qué ruta nos trazó, qué ruta hemos defraudado?

Palavras-Chave: Mundo rural, *Levantado*, arraigo.

Rocío Días Martínez é Docente-Investigadora de la Universidad Autónoma de la Ciudad de México (UACM), licenciada en Lengua y Literatura Hispánicas y con estudios de maestría en Literatura Comparada en La Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM). Egresada de la Sociedad General de Escritores de México. Ensayista, docente y jaranera. Apasionada por la obra saramaguiana.

“O VIAJANTE É HOMEM MUITO AGARRADO À ESPERANÇA”: NO CAMINHO DE SARAMAGO

Rosana Apolonia Harmuch (UEPG)

Como em *Viagem a Portugal* Saramago empreende diversas viagens, selecionei uma delas para esta ocasião, a que podemos chamar de viagem antropológica. Nela, o impacto do encontro com o outro altera a perspectiva do viajante. Assim, para fins de organização, me dedico a alguns dos muitos e emblemáticos momentos em que o viajante Saramago se depara com pessoas e, portanto, com experiências que reverberam sobre a esperança a que ele insiste em se manter agarrado. Para a compreensão da entrada dessas personagens na história, são objeto de interesse as estratégias utilizadas para o encadeamento narrativo.

Palavras-chave: *Viagem a Portugal*, Saramago, narrativa de viagem.

Rosana Apolonia Harmuch é professora associada na Universidade Estadual de Ponta Grossa (<https://www.uepg.br/>), no Paraná, onde atua na graduação e na pós-graduação. Coordena a Linha de Pesquisa em Estudos Literários, no Programa de pós-graduação em Estudos da Linguagem – PPGEL/UEPG (<https://www2.uepg.br/ppgel/>) e também a Comissão de Pesquisa do Departamento de Estudos da Linguagem. É doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná, com tese sobre a obra de Eça de Queirós. Também sobre a produção eciana, concluiu dois estágios de pós-doutoramento na Universidade de São Paulo, em 2017 e em 2022. É sócia da ABRAPLIP - Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa e membro dos Grupos de Pesquisa (CNPq), Eça e Camilo Castelo Branco. ORCID: 0000-0002-5278-3815. Emails: rosanaharmuch@uepg.br; rosanaharmuch@gmail.com
